

Língua e Linguagem no Mundo Antigo



Comitê Editorial

CAROLINE TECCHIO

Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DANIELE BROCARDO

Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DOUGLAS SOUZA ANGELI

Doutorando em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

EVERTON FERNANDO PIMENTA

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

GUILHERME FRANCO DE ANDRADE

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LEANDRO DE ARAÚJO CRESTANI

Doutorando em História, Universidade de Évora, Évora (Portugal)

LUIS CARLOS DOS PASSOS MARTINS

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LUIZ ALBERTO GRIJÓ

Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL GANSTER

Mestre em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL HANSEN QUINSANI

Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL SARAIVA LAPUENTE

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

TIAGO ARCANJO ORBEN

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

VINÍCIUS AURÉLIO LIEBEL

Doutor em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ

Língua e Linguagem no Mundo Antigo

Organizadores:

Anderson Zalewsky Vargas

Kátia Pozzer

Luis Carlos dos P. Martins

φ editora fi

Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Historicus - 12

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VARGAS, Anderson Zalewsky; POZZER, Kátia; MARTINS, Luis Carlos dos P. (Orgs.)

Língua e linguagem no mundo antigo [recurso eletrônico] / Anderson Zalewsky Vargas; Kátia Pozzer; Luis Carlos dos P. Martins (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

246 p.

ISBN - 978-85-5696-449-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. História, 2. Historiografia, 3. História cultural, 4. Pesquisa. I. Título. II. Série

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

História antiga na UFRGS

Loiva Otero Félix¹

Introdução

Fazendo uma retrospectiva, não tem como não considerar o segundo semestre do ano de 1985 como um marco na redefinição do papel e do significado da História Antiga no currículo do curso de História da UFRGS, somando-se ao que ocorria em escala nacional, isto é, a inserção valorativa dos estudos da antiguidade na universidade brasileira como um todo.

Aqui foi lançada uma semente pequena, mas forte, de questionamento e paixão pelos estudos da antiguidade. No entanto, de nada ela teria valido, se não tivesse caído em terreno fértil! E esse terreno era da melhor qualidade. Refiro-me a um grupo significativo de alunos de uma classe da época que hoje continuam a espalhar boas sementes em diferentes locais e direções do estado. Talvez o destino, ou a sorte, tenham me oportunizado o privilégio de viver aquele momento e poder compartilhar os meus sonhos.

¹ Registro aqui o meu agradecimento por três motivos mais significativos: Primeiro, pelo honroso convite para estar presente nessa ocasião tão importante e junto com pesquisadores tão ilustres. Meu agradecimento ao prof. Anderson e à equipe organizadora do evento. Agradeço, também, por dois outros motivos que se situam no âmbito do sentimento afetivo: a possibilidade de reencontrar ex-alunos e colegas que me trazem as melhores lembranças; e, finalmente, pela possibilidade de evocar junto com eles um processo iniciado aqui na UFRGS 30 anos atrás.

Rubem Alves, o grande filósofo da educação no Brasil moderno (1933 - 2014), em seu livro “*A alegria de ensinar*”, inspirado em Zaratustra, nos recorda que a ciência se construiu

não pela prudência dos que marcham (que repetem), mas pela ousadia dos que sonham. Todo o conhecimento começa com um sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra”. Diz ele: ‘Como Mestre só posso então lhe dizer uma coisa, ‘Conte-me os seus sonhos, para que sonhemos juntos (p.87).

Eu tive a felicidade de sonhar e interpretar sonhos de jovens sedentos de descoberta e de realizações. Tudo que foi lá realizado foi resultante de “sonhos compartilhados”.

O ensino de história antiga: fases

Situando 1985-87 como marcos, precisamos antes nos perguntar: Como era o ensino e a pesquisa em História Antiga e seus desdobramentos até os dias de hoje? Creio que podemos situá-los a *grosso modo*, em quatro períodos:

- a) Uma fase de história positivista que se estende desde a criação da Faculdade de Filosofia na década de 30 até meados da década de 60.
- b) Uma fase pós golpe militar de 64 até meados da década de 80.
- c) Uma fase de meados da década de 80 até finais de década de 90.
- d) Uma fase dos inícios do séc. XXI até agora.

(a) Na 1ª fase, o modelo predominante era de uma história de cunho positivista, priorizando a descrição de fatos e

recortando as chamadas “grandes civilizações” (Egito, Grécia e Roma) e aquelas consideradas menores, as ditas “demais civilizações” (povos mesopotâmicos, medos, persas e povos do extremo-oriental). A metodologia seguia um modelo consagrado: História política (na qual eram elencados dados lineares e cronologias sequenciais) e, outro tópico, englobando o título “História Econômica, Social, Cultural e Religiosa” ou “Aspectos econômicos, sociais, religiosos e culturais”. Não havia nenhuma preocupação maior com análises e correlações. Não existia também atividade de pesquisa. Em grande parte, o estudo de História Antiga visava dar um “requinte de erudição”. O autor que era, na época, consagrado como símbolo didático deste modelo, era Mário Curtis Giordani. Seus livros eram clássicos, especialmente “História da Grécia” e “História de Roma” que reuniam um grande e importante elenco de informações e dados pontuais.

(b) O momento seguinte, de meados da década de 60 até meados da década de 80, corresponde ao período de castração intelectual da universidade brasileira pós-64, sobretudo de 1968 a 1972.

Até 1964, os estudos clássicos tinham peso no currículo universitário. Havia disciplinas opcionais incluindo Filosofia, Filosofia Política, Teoria Política, História da Arte e Filosofia da Arte. Os estudos clássicos eram fortemente oferecidos ao aluno da graduação em história como um lastro fundamental de conhecimentos. Em nível de 2º grau – hoje, Ensino Médio –, a modalidade de “curso clássico” era oferecida como opção para o aluno, elencando disciplinas de história, línguas (incluindo latim e grego, além das modernas francês, inglês e espanhol), literatura e filosofia que embasavam a formação universitária humanista.

No pós-64, com o golpe militar, houve a instalação do autoritarismo. Havia, de parte dos detentores do poder, o pânico da subversão da ordem estabelecida. A área das ciências humanas foi profundamente atingida, especialmente aquelas que envolviam reflexão e questionamento. Naquelas circunstâncias a pergunta é:

- Como nós, professores, poderíamos trabalhar um texto, como por exemplo, o “*Prometeu*” de Ésquilo, que mostra a resistência à ordem estabelecida (no caso por Zeus)? Ainda mais com os chamados “ratos” em sala de aula (falsos alunos ou alunos profissionais infiltrados para observar e “dedurar” ou denunciar sorrateiramente)!
- Como discutir a ideia maior da resistência? Todo o teatro grego, que é vital na civilização grega, não é “arte pela arte”, mas teatro político e existencial e, todo ele é, sob este ângulo, profundamente subversivo enquanto espaço de reflexão sobre o próprio homem em seu relacionamento com o cosmos, com os deuses, com o destino, com o poder, com os outros homens.
- Como trabalhar “*Antígona*” de Sófocles sem abordar o cerne da questão da legitimidade do poder? E assim por diante.

Repressões, censura, prisões (até com atos tragicômicos como o absurdo de emitir ordem de prisão para Sófocles, o autor que estava sendo encenado no Teatro Municipal de São Paulo!!!). Cassações de professores pelos AI (atos institucionais), sobretudo de professores das humanísticas, e os de maior formação clássica. Não precisamos ir muito longe, para Rio, São Paulo e Belo Horizonte, mas daqui mesmo, de nossa Universidade, saíram muitos nomes expressivos. Houve o ingresso de novos professores, inexperientes, em face da duplicação de cursos (caso da História com os turnos manhã e tarde) ou de substituição de professores (caso dos cursos de Filosofia e Ciências Sociais).

O que restava então para a sala de aula? Um árido empilhar de fatos positivistas, mutilando a reflexão sobre a História, especialmente na sua fonte primeira onde foi pensada como tal: a Grécia.

Na década de 70, há, portanto, uma diminuição significativa de importância do setor de estudos clássicos (não só em História, mas também em Filosofia, Política, Letras e Artes) que pode ser mensurável em alguns dados concretos como:

- diminuição do número de horas-aula nos currículos e integração com as disciplinas de Pré-História e Medieval num bloco só;
- verbas para pesquisa, prioritariamente, para os estudos de História do Brasil e estudos regionais numa clara política de limitação do campo de abordagem; bem como o predomínio dos enfoques micro e nacionais, em detrimento dos macros e internacionais, enfatizando a pesquisa aplicada e não a pesquisa pura;
- apoio prioritário para cursos, simpósios e conferências para outras áreas, sobretudo para aquelas mencionadas (Brasil e regionais);
- ausência de espaço editorial para publicações de História Antiga e baixo nível de produção intelectual na área;
- utilização de professores “*tampão*” que, tão logo podiam, deslocavam-se para áreas de “maior prestígio”, sem sequer terem descoberto a importância e o significado dos estudos da antiguidade no conhecimento histórico. Lembro como representativo dessa mentalidade o fato de duas colegas de departamento, quando retornei da bolsa de doutorado, terem vindo me inquirir sobre qual área eu iria solicitar agora em face da titulação. Respondi que além da docência na pós-graduação já acertada, obviamente, eu iria permanecer no que eu mais gostava: História Antiga!

Este foi o panorama dominante até a década de oitenta, quando, então, começam a aparecer sinais claros de mudança. Identifica-se o predomínio de extremos, tanto em nível regional gaúcho, quanto em nível nacional. Em um lado, a mediocridade descritivista e morta e, no outro extremo, alguns ‘loucos apaixonados’ que continuaram e desenvolveram trabalhos brilhantes, como professores, como pesquisadores, como “agregadores”. A eles devemos um silencioso trabalho que explodiu junto à ânsia de liberdade intelectual, de pensamento e crítica, sobretudo às instituições e à ordem social vigente.

- (c) Anuncia-se assim outro período. Em meados de década de oitenta, se vivenciou uma grande efervescência cultural e política na sociedade brasileira, quando a Universidade ensaiou a retomada do seu papel de questionamento, e de construção do saber, não aceitando mais ser apenas repetidora e retransmissora de conhecimentos.

Na UFRGS, de 85 a 87, vivenciamos a mesma euforia dos grandes centros como Niterói, RJ, BH e SP na área de estudos antigos, em especial, na de estudos clássicos. Aqui, em 1985, pela primeira vez, o setor de História Antiga foi contemplado com monitoria. Foi nesse ano que encontrei a turma de alunos que referi como terreno fértil. Uma verdadeira plêiade de discentes inteligentes, criativos e sedentos de realização. Eles marcaram, de forma indelével, minhas memórias de professora. Penetraram nos meus afetos como partícipes de uma grande empreitada e são amigos do coração até hoje. Foi um rico período o de 1985 a 1989, pois lá estavam alunos brilhantes que hoje são professores universitários e pesquisadores doutores. Cito nomes como do Anderson Zalewski Vargas, Benito Bisso Schmidt, Cláudio Pereira Elmir, Fábio Vergara Cerqueira, Fábio Khun, Francisco Marshall, Kátia Pozzer, Gunther Axt, Luiz Alberto Grijó, Luis Carlos Martins e Temístocles César (cito-os em ordem alfabética!).

No ano seguinte à formação desse grupo da turma de 1985, tivemos em 1986, um reforço importante com a contratação da Profa. Margareth Bakos que veio somar-se a nós nessa construção de um novo espaço para a História Antiga. Ela ficou responsável pelos estudos das civilizações egípcia e romana, em substituição ao Prof. Carlos Germano Sohni e eu com as civilizações mesopotâmica e grega. Em 1988-89, ela realizou seu pós-doutorado em egiptologia, em Londres, e, ao retornar, reassumiu seu trabalho e contribuição no setor, principalmente na área em que passou a se especializar: Egito.

Desde 1987, nossas atividades tornaram-se cada vez mais intensas e entusiasmadas, com a participação no PET- (Programa Especial de Treinamento) da UFRGS, e com a criação por nós do grupo denominado de GEH (Grupo de Estudos em História). Grupo esse que servia como um espaço de conhecimentos e exercício intelectual, principalmente de teoria da história e de análise dos principais autores em discussão no momento na ciência histórica. Esse núcleo foi formado com a presença de alunos exponenciais. Lá estavam Anderson Vargas, Adriana Schmidt, Benito Schmith, Fábio Kuhn, Francisco Marshall, Haike Kleber, Gunter Axt, Luiz Alberto Grijó, Luiz Carlos Martins, Marcelo Etcheverria, Marcos Vinicius Beber, Nórís Leal e Telma Cadermatori de Oliveira (novamente em ordem alfabética).

Autores como Paul Veyne, Jean-Pierre Vernant, Marcel Detienne, Werner Jaeger (com a clássica *Paidéia*), Claude Mossé, Jacques Le Goff, Georges Duby e tantos outros passaram a fazer parte das leituras, discussões e apropriações. Buscavam-se enfoques mais amplos, ensaiando estudos de interdisciplinaridade entre História, antropologia, política, letras e arqueologia.

Naqueles anos de 1985 a 1989, o setor de História Antiga produziu vários eventos, sozinho ou associado à recém- criada SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos). Na sala de aula e nos eventos, começaram a surgir e frutificar novos questionamentos e novas abordagens sobre a História e sobre o ensino acadêmico de

História Antiga. Novos temas e percepções se colocaram na análise das civilizações antigas como os estudos de sexualidade, memória, imaginário, história das minorias, história comparada, história da cultura e das mentalidades. Nesse período, crescia a ênfase nos estudos sobre Mitos e suas permanências. Em tais eventos, percebe-se claramente a diferença radical, de significativa mudança de conteúdo valorativo, entre a década anterior e a de 80-90.

Havia um processo que estava se consolidando: o da revalorização dos estudos clássicos. Isso, no fundo, estava acompanhando o ressurgir das ciências humanas, e estava também relacionado com a articulação da sociedade civil em busca de uma abertura política. É nesse contexto, e nesse afã, que foram planejados e executados, nos anos de 1987, 1988, 1989 e 1990, os primeiros simpósios de História Antiga da UFRGS, como fomentadores e aglutinadores.

A grande novidade que se instalou neles, especialmente de 1985 a 1987, foi a atuação de alunos e ex-alunos como partícipes do conhecimento em sala de aula. Antes não: o professor catedrático discorria sobre o tema em longas aulas expositivas. Na disciplina de HUM-310 (Humanidades-310), de História da Antiguidade Clássica, viabilizaram-se pesquisas individuais dos alunos sob forma de monografias temáticas de livre escolha, e que, em grande parte, vieram a servir de base para as comunicações.

O primeiro simpósio de História Antiga, realizado em 1987, abriu espaço para que estudantes interessados no tema experimentassem um grande crescimento intelectual. Possibilitou a divulgação da produção docente e discente. Nos Anais do I Simpósio, estão registrados nomes de futuros doutores e professores universitários, como o Anderson, o Grijó, o César Guazelli, o F. Marshall, o Eduardo Neumann, o Fábio Cerqueira, o Jorge Barcellos e o Roberto dos Santos. Nesse mesmo ano, em associação com o núcleo regional da SBEC, promovemos o Curso de extensão “*Cultura grega clássica*”, contando com a presença de conferencistas que eram, em seu predomínio, professores das maiores

universidades do país e de diferentes estados da federação. O evento resultou em livro, publicado em 1989, pela editora da Universidade, sob o mesmo título e organizado por mim e pela profa. Miriam Goettens.

O 2º. Simpósio, em 1988, demonstrou a atualização temática e metodológica do efervescente setor de História Antiga. Neste ano e nos seguintes (1988 e 1989), aumentou o leque de participação, incluindo a presença de professores de outras áreas da universidade e convidados de outros estados.

O IV simpósio, realizado em 1990, e coordenado pela profa. Margareth Bakos, quando eu estava na chefia do departamento de História, foi outro passo significativo. Passou a ser “IV Simpósio de História Antiga e I Ciclo internacional de História Antiga Oriental”, agregando conferencistas internacionais.

A década de 90 foi rica sob outros aspectos. Eu elenco aqui apenas os aspectos que me pareceram mais marcantes. Entre outros aponto:

- c.1) a realização de concursos nas universidades federais em face de aposentadorias, permitindo uma renovação de nomes e espaços e abrindo possibilidades para a incorporação de jovens professores universitários egressos da UFRGS e daquelas experiências que relatei;
- c.2) modificação no panorama de ensino nas principais universidades gaúchas com o ingresso desses novos talentos, permitindo, assim, um processo de difusão dos estudos antigos nos moldes da revolução de saberes que ocorrera na década anterior aqui. Era a UFRGS se expandindo para *extra muros*. Só para citar alguns nomes que mostram a qualidade desse processo que se inicia. Podem ser localizados na
 - UFRGS- Anderson, Grijó e Marshall;
 - PUC -profa Margareth Bakos (aposentada da UFRGS e passando a atuar junto com o Prof Harry Bellomo) e, lá,

- além da docência e da pesquisa, ela passou a desenvolver um importante trabalho de coordenação de atividades de extensão como, por exemplo, a organização das “*Jornadas de Estudos do Oriente Antigo*” e publicação das mesmas;
- Unisinos- Cláudio Elmir (atuando em conjunto com o prof. José Baldissera);
 - Ulbra- Roberto dos Santos e Kátia Pozzer (esta última posteriormente ingressou no Instituto de Artes da UFRGS, onde hoje desenvolve pesquisas sobre arte assíria);
 - UPF- Fábio Khun e depois, quando o Fábio assumiu na UFRGS com sua aprovação em concurso, eu, já aposentada da UFRGS, fiquei com História Antiga na UPF;
 - UFRG- Jussemar Weiss;
 - UFPEL- Fábio Cerqueira.

Esses locais e nomes falam por si só quanto ao significado desses novos docentes para a multiplicação dos saberes em História Antiga;

- c.3) enriquecimento, não só no espectro de nomes, mas também de temáticas. Sobretudo, pela realização de cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado que trouxeram novos horizontes de pesquisa. Foi o caso por exemplo:
- do Anderson, com estudos e tese de doutorado sobre Tucídides;
 - do Grijó, com o estudo “*De Aquiles a Péricles: do herói da epopeia ao grande homem da História*”, no qual o Grijó analisa como na Grécia surgiu uma nova forma de construção da memória e de redefinição simbólica, a História;
 - da Katia, com pesquisa sobre os povos da antiga mesopotâmia e tese de doutoramento sobre os “arquivos privados dos comerciantes de Larsa” (1996) e continuidade

de pesquisas no pós- doutorado (2011) centralizando na temática artística;

- do Marshall, com tese sobre Sófocles e, posteriormente, como coordenador do *Projeto Apollonia* e organizador de um volume especial da Revista do PPG História da UFRGS, “Anos 90”, reunindo contribuições de renomados pesquisadores, locais, nacionais, argentinos (3) e israelense (da universidade de Tel Aviv-1), além de sua atividade de pesquisador e docente;

c.4) introdução de questionamentos teóricos e possibilidades de uma História Antiga rica no seu significado, agora já considerada e prestigiada como uma das demais disciplinas do currículo do curso de História. Esta dimensão passa a estar bem presente em todas as atividades e comunicações. Cito, como exemplo, meu concurso para profa. titular na UPF que foi em História Antiga, e o tema proposto foi “Império romano”. A análise desenvolveu-se abordando as diferentes possibilidades teóricas do mesmo no ensino de História Antiga (abordagens do Império Romano sob a ótica do positivismo, do marxismo, da história comparada, da história cultural, da história das mentalidades, da história do imaginário e da construção de memórias). Foi um exercício teórico metodológico importante, que ressitua a forma de abordar História Antiga na universidade. Naquela reflexão, eu estava me reescrevendo à luz de novas leituras e olhando para as mesmas temáticas de 10 anos antes (em 1985-6), que, naquela época, já se revolucionavam na minha cabeça e agora, novamente, se redirecionavam para a amplitude dos novos horizontes, acompanhando o enriquecimento da ciência histórica.

(d) Uma última fase pode ser percebida dos inícios do séc. XXI até agora.

Antes de abordar o que me parece ser **aquilo** que caracterizou a área de História Antiga na UFRGS, e nas demais universidades gaúchas, já com egressos de nossa universidade, gostaria de indicar como um excelente relato retrospectivo para a década de 90, e inícios do séc. XXI um artigo da profa. Margareth Bakos, publicado em 2008 na revista *Phoênix*, colocado como editorial sob o título de “*Observação de um passado recente: a ação do LHIA*” (referente ao Laboratório de História Antiga do depto. de História da UFRJ). Ela faz uma valiosa retrospectiva daquele importante laboratório para o setor de História Antiga, e “a conjuntura de efervescência do mundo intelectual brasileiro” (p.14).

Ampliando horizontes, desbravando temáticas

Certamente que, sobre a fase que ocorre da 1ª década do século XXI até hoje, caberá melhor ao prof. Anderson, ao prof. Marshall e a seus colegas expor do que a mim. No entanto, um dado é tão relevante que não posso deixar de apontar: a atuação desses novos doutores nos cursos de pós-graduação, aqueles mesmos que haviam começado a graduação na UFRGS no longínquo 1985-6. Hoje, eles estão produzindo novos saberes como orientadores de dissertações de mestrado e teses de doutorado e “espraiando-se” em temas que não havíamos atuado ainda, como o tema da dissertação da Juliet, orientada pelo Anderson, sobre os celtas antigos, entre tantos outros exemplos. Assim, graças a eles, seus saberes, suas inquietudes intelectuais e suas inter-relações acadêmicas, nacionais e internacionais, novos horizontes se colocam, de forma promissora, no ensino e na pesquisa em História Antiga na UFRGS.

Para marcar esse “arremedo” de relato e de memórias daqueles períodos, e de nosso afã de alegria, de trabalho intenso e de produção intelectual, eu vou retirar de duas dedicatórias/autógrafos que recebi.

Guardo com muito carinho um exemplar dos Anais do II simpósio de História Antiga em 1988 (guardo também os outros!),

autografado por alguns queridos alunos daquela jornada, como o Anderson, o Fábio, a Kátia e o Luiz Carlos (hoje aqui presentes), entre outros registrados naquele volume. Entre os muitos autógrafos que recebi, carregados de afeto e carinho, quero aqui citar dois: um porque se diferencia dos demais no “tom” e recupera claramente nosso mútuo e intenso envolvimento como equipe. O Luiz Carlos Martins resumiu o que vivíamos de 85 a 88. Escreveu ele:

“Para a profa. Loiva;
 Pelas 24 hs de trabalho;
 Pelas 24hs de estudo;
 Pelas 24 hs de apoio,
 Pelos 5 minutos de folga que me destes para assinar aqui!
 Luis Carlos Passos Martins.’

O outro autógrafo, bem diferente, carregava brincadeira e ironia como é característico do Anderson, mas hoje, olhando para trás, tem novo sentido. Ele escreveu:

“Loiva, te devo a minha alma.
 O que não é grande coisa.
 Eu tenho uma televisão. Que tal?”

Pois bem, Anderson, não me destes nenhuma das duas coisas, mas me destes, como retorno, muito mais, isto é, destes a alegria, indescritível para uma ex-professora, de ver tudo o que produzistes e estás produzindo como pesquisador, professor, arregimentador e criador de novos espaços em História Antiga. Hoje, quem te deve sou eu!

Para concluir, gostaria de retomar Rubem Alves, quando ele cita o prólogo de Zaratustra de Nietzsche. Zaratustra, o sábio, na sua saga, inicia com uma meditação sobre a felicidade.

A felicidade começa na solidão: uma taça que se deixa encher com a alegria que transborda do sol. Ela não mais pode conter aquilo que recebe. Deseja transbordar. A felicidade solitária é dolorosa.

Zaratustra percebe então que sua alma passa por uma metamorfose. Chegou a hora de uma alegria maior: a de compartilhar com os homens a felicidade que nele mora. Seus olhos procuram mãos estendidas que possam receber a sua riqueza. Zaratustra, o sábio, transforma-se em mestre. Pois ser mestre é isto: ensinar felicidade”. “Ah! Retrucarão os professores ‘ a felicidade não é a disciplina que ensino. Ensino ciências, ensino literatura, ensino história, ensino matemática...” “Pergunta então Rubem Alves:” Mas será que vocês não percebem que essas coisas que se chamam “disciplinas” e que vocês devem ensinar nada mais são do que taças multicoloridas, que devem estar cheias de alegria? Pois o que vocês ensinam não é um deleite para a alma? Se não fosse vocês não deveriam ensinar. E se é, então é preciso que aqueles que recebem, os seus alunos, sintam prazer igual ao que vocês sentem. Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão (...).

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: Sou um pastor da alegria... Mas, é claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração... (p.12-13)

Pois bem, eu creio que hoje eu posso me sentir como um “pastor da alegria”, como uma mestra, porque meus ex-alunos, hoje professores-doutores, estão multiplicando o prazer do conhecimento da História e, em especial, da História Antiga. E eu agradeço a todos pela alegria que me proporcionaram, de juntos, termos, metaforicamente, transbordado a taça da felicidade e, principalmente, vocês estarem continuando a enchê-la e transbordá-la.

Referências

ALVES, Rubem- *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus. 3ª edição. 2001.

BAKOS, Margaret Marchiori. Editorial: observação de um passado recente: a ação do LHIA. *Revista Phoênix*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2008, p.9-17.

GOETTEMS, Miriam e FÉLIX, Loiva Otero (org.). *Cultura grega clássica*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989.

GRIJÓ, Luiz Alberto. De Aquiles a Péricles: do herói da epopeia ao grande homem da História. IN: FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio P.(org.) *Mitos e heróis-construção de imaginários*. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 1998, p.53-74.

MARSHALL, Francisco. *Édipo tirano. A tragédia do saber*. Brasília: Editora UNB/Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

MARSHALL, Francisco. Dossiê “Projeto Apollonia” Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História, n.17, Porto Alegre. UFRGS, julho de 2003.

VARGAS, Anderson Zalewski. *Antiguidade e barbárie. A natureza nos relatos de desordem na ‘Guerra dos Peloponésios e Atenienses’ de Tucídides*. Tese de doutoramento em História. USP, SP, 2001.